O universo errático do coração: as relações amorosas em configurações contemporâneas.

Maria da Penha Nery[1]

RESUMO

O tema da vivência sociodramática são as relações amorosas comtemporâneas, suas dores e realizações dentro das conservas culturais que limitam a experiência do simplesmente amar. Em seus objetivos, este sociopsicodrama pretende promover um encontro para trabalhar as relações amorosas na contemporaneidade. Serão compartilhadas cenas e temas relacionados, por exemplo, à monogamia, não monogamia, ao amor romântico, ao patriarcado, à solidão, à traição, ao medo de se relacionar, bem como às cobranças e crenças socioculturais que geram sofrimentos e violências. As justificativas estão em nossas experiências com parceiras ou parceiros no percurso do coração, que tem razões que a razão desconhece. Vivemos, no cotidiano, conservas socioculturais, coloniais e corporais que produzem graves sofrimentos e bloqueiam a potência criativa do amor. Em particular, as relações amorosas, em suas configurações monogâmicas detêm um grande potencial de produzir e de reproduzir dores e violências contidas no histórico sistema de monoculturas da ideologia colonial e patriarcal. As relações não monogâmicas tentam o grande desafio de desconstruir a hegemonia desse sistema que bloqueia a expressão dos afetos e adoece. Porém, por mais libertária que sejam as suas propostas, todas e todos nós estamos submersos nessa matriz do campo amoroso romântico e a revolução criadora se depara com potentes limites. Assim (re)produzimos dinâmicas e os padrões relacionais que promovem o abuso de poder, realidades, formas de amar e corpos negados ou anulados por estruturas de opressão cristalizadas. Em termos metodológicos, esta vivência sociopsicodramática — proposta para o 25º Congresso Brasileiro de Psicodrama — configura-se como um processo de cocriação. Para seguir as etapas do encontro sociopsicodramático, em primeiro momento faremos contrato de acolhimento e ético com os participantes. Logo após, no aquecimento específico, utilizaremos iniciadores corporais e mentais, para que os participantes acessem suas cenas sobre relações amorosas ou de outrem. Partiremos para a dramatização das cenas escolhidas, protagônicas e aprofundamento das questões do protagonista. Sob a ótica de uma matriz de identidade fluida e dinâmica, que ocorre no aqui-agora de uma relação ou de um grupo, entrecruzaremos histórias, cenas e conteúdos.

[1] Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Psicodramatista Didata Supervisora (Febrap). Autora de livros e artigos científicos. Instituição: Associação Brasiliense de Psicodrama. E-mail: mpnery@gmail.com.

Tal manejo demanda a ampliação da escuta e uma presença ética e técnica em nossas práticas clínicas ou socioeducacionais. Os métodos sociátricos explicitam e exploram os conteúdos conscientes e coinconscientes presentes no grupo. O sociopsicodrama permite que, a partir do aquecimento grupal e do mapeamento sociométrico das afinidades e tensões do coletivo, possamos propor cenas para trabalhar, nessa proposta, as complexidades dos vínculos afetivos/amorosos. Na dramatização há a montagem de cenas ou imagens, com o uso de técnicas psicodramáticas (dentre elas, a inversão de papéis, a interpolação de resistência, o duplo) — com a garantia do constante compartilhar que nos liberta. O resultado pretendido é o desvendar de conteúdos, coinconscientes e coconscientes, e de conservas socioculturais, coloniais. Esse desvendar tem o potencial de, na criação conjunta, liberar os conteúdos que promovam a espontaneidade-criatividade, questionem nossas conservas e promovam novos caminhos para a liberação do amor que constrói.

Palavras-chave: Sociopsicodrama. Relações Amorosas. Conserva Cultural. Monogamia. Espontaneidade.